

# MAIS DÓLARES

## Brasil vai atrás de novos empréstimos

15 ABR 1986

O presidente do Banco Central, Fernando Bracher, declarou ontem que o Brasil já se prepara para receber novos empréstimos dos bancos estrangeiros e, por isso, trata de reescalonar os débitos de 1986 em condições que lhe facilitem o retorno ao mercado de empréstimos.

— Tudo o que fizermos, de agora em diante, será preparativo para nossa volta ao mercado normal.

O presidente do BC afirmou que o jantar que ele e o ministro da Fazenda, Dílson Funaro, ofereceram aos presidentes de sete grandes bancos com assento no comitê de assessoramento da dívida externa brasileira, quinta-feira última, em Nova Iorque, não teve o objetivo de pedir alguma coisa concreta aos bancos. Mas o evento serviu, segundo Bracher, para um primeiro contato direto do ministro Funaro com os banqueiros. O diálogo de Funaro com os banqueiros foi resumido, ainda de acordo com o presidente do BC, nos seguintes termos:

“Estou aqui bem, obrigado; vamos ver como poderemos colaborar melhor daqui para frente. Não pretendo nada, a não ser oferecer bons negócios e queremos, em contrapartida, boas taxas de juros”.

Bracher informou que o diretor de Dívida Externa do BC, Antônio de Pádua Seixas, terá um encontro hoje com o secretário-geral do Clube de Paris, Jean de Rosen, e não com Jean-Claude Trichet. De acordo com a Embaixada da França em Brasília, Trichet, ex-diretor dos serviços internacionais do Ministério da Economia, que como tal, exercia a presidência do clube de Paris, foi deslocado agora para a chefia de Gabinete do Ministro da Economia, Finanças e Privatização, Edouard Balladour. Mas Trichet continua na presidência do Clube, até que se escolha o seu sucessor. Bracher disse que Seixas não iniciará hoje as negociações da dívida brasileira para com os governos ricos, pois será marcada uma agenda para isso.

Bracher almoçou ontem com os presidentes dos 25 bancos comerciais oficiais estaduais, no restaurante da Associação dos Servidores do Banco Central (Asbac), quando debateu com eles a reformulação do sistema financeiro nacional. Esses bancos devem para o BC cerca de Cz\$ 14 bilhões, mas indagado se será inventado um esquema novo para o reescalonamento da dívida, Bracher respondeu: “Eles nem precisam”.

Já sobre a reforma bancária global no País, que virá em consequência do Decreto-Lei nº 2.284, Bracher disse apenas que “há uma disponibilidade total do Banco Central para estudar todas as regras que visem à melhor adaptação do sistema às novas circunstâncias”. E acrescentou que a reforma será o resultado de um amplo debate com os banqueiros — “nada de cima para baixo” —, esclarecendo que o banco múltiplo virá no bojo de “discussões consistentes”.